

Pioneiro conta, em versos, a história de Brasília

O livro "O cândango na fundação de Brasília", do poeta popular Sebastião Varela, será lançado nesta quinta-feira, às 20 horas, no Centro de Criatividade. Através da poesia de cordel Sebastião Varela conta a história da construção da cidade segundo sua visão de pioneiro, já que chegou em Brasília em 1958. O lançamento é promovido pela Secretaria de Educação e Cultura, através do Departamento de Cultura, contendo prefácio assinado por Cassiano Nunes. Na ocasião haverá apresentação de conjunto de forró, além de uma exposição de cerca de quarenta fotos sobre a construção da cidade e distribuição de bebidas e salgadinhos típicos.

Na opinião de Raul Molinas, diretor do Departamento de Cultura da SEC, o livro de Tião Varela é um patrimônio cultural que pretende demonstrar o valor do homem e não só do objeto. "O objeto é apenas uma consequência", revela Molinas, lembrando que sem a preservação do homem não há patrimônio. Tratando-se da literatura de cordel o diretor do Departamento Cultural considera como uma das mais fortes expressões da linguagem popular, sendo o livro de Tião Varela "antes de tudo um

documento importante da construção da cidade".

- Quanto ao seu valor como poesia e literatura popular as pessoas é que vão julgar. Eu acho muito válido o trabalho de Tião mas não cabe a mim dizer se é uma obra de arte, observa Raul Molinas.

Sendo o segundo livro da série Patrimônio Cultural, cuja promoção está a cargo do Departamento de Cultura, "O cândango na construção de Brasília" aborda aspectos diversos do início de Brasília, até sua inauguração em 1960. "Foi uma história que escrevi e perdi duas vezes", diz Tião Varela. A primeira vez ele esqueceu todos os seus escritos em um táxi. Depois de tentar reavê-los sem sucesso resolveu escrever novamente.

- Mas já na segunda vez - prossegue ele - eu fui comprar umas tintas em Taguatinga e me roubaram algumas folhas de cartolina e os originais estavam juntos. Eu deixei as folhas por alguns instantes e quando voltei tinham sumido.

Depois que escreveu tudo pela terceira vez ele não teve meios de publicar, conforme explica. Até mesmo Juscelino, Tião pensou em procurar para pedir apoio. Naquela época já era proibido falar em Juscelino por-

que a anistia ainda era uma incógnita. "Algumas pessoas me diziam que eu não deveria falar com pessoas casadas, dizendo que eu poderia até mesmo perder o emprego. Diziam também que eu não devia escrever aquilo, falando nesse pessoal. Mas eu não me incomodei, porque queria dizer as coisas da forma que eu vi, durante a construção".

Nascido em Campina Grande, Tião Varela esteve na Amazônia em 1943, trabalhando na extração da borracha. Depois, foi para Sobral, no Ceará, onde dedicou-se na confecção de mosaicos e ladrilhos, tornando-se mestre neste ofício. Quando chegou a Brasília, em 1958, foi trabalhar de servente de pedreiro. Seu emprego na Universidade de Brasília (onde permanece até hoje) só foi possível em 1962. Como sempre gostou de literatura de cordel, começou a escrever livretos. São dele "Benedito Bacurau, não mate os passarinhos, não corte mais arvoredos", "Os dois caçadores de onça: Sebastião Rufino e Cazuza Sátiro" e "João Barra Mansa, Vaqueiro Nordeste".

- Mas eu sempre gostei de escrever versos, já quando vivia na minha terra. Mas eu escrevia e jogava fora, rasgava, distribuía para os amigos.

Explicando que sempre foi um bom leitor de cordel, Tião aponta "Pavão Misterioso", "A pejeja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho", e "O valente Zé Garcia" como seus folhetos preferidos. Ele afirma não conhecer a obra de Patativa do Assaré e diz que nunca leu nada sobre o poeta Zé Limeira. Por outro lado, seus poemas fogem, algumas vezes, à forma mais tradicional seguida pelos cordelistas do Nordeste mas ele diz por que: "Eu gosto de escrever em sextilhas mas conforme o assunto eu posso aumentar para oito versos. O negócio é escrever como me vem na mente. Se eu achar que está certo eu escrevo", diz Tião. Já no que diz respeito à metrificacão e rimas obedecidas até em cordel, ele observa:

- Não me preocupei com isto. Eu queria era dizer as coisas.

Carlos Araújo

